

ATTITUDE

INTERIOR DESIGN

Estilo de Vida Global - Global Lifestyle

fusion

"Design é tão simples. É por isso que é tão complicado."
"Design is so simple. That's why it's so complicated."

Paul Rand



Explore
CASA CEDO.Porto
LA MINERVA.Rome
KUBABA.Paris
Art
PEDRO CABRITA REIS
Meet
CONSTAÇA ENTRUDO
Portfolio
DAVID / NICOLAS
Interiors
PIERRE FREY.Paris
LISSONI&PARTNERS.Mumbai

PORTUGAL CONT. 12.00€ · BE/FR/IT/UK ESP 16€ · GR 17€ · DE 18€ · UK & Suisse 16 CHF · Morocco 110 MAD · USA 31.95 \$ · Canada 29.95 CAD / Bimestral



00129

Pedro Cabrita Reis

Reescrever as Estações: *XIV Steps* na Bienal de Veneza
/ Rewriting the Stations: *XIV Steps* at the Venice Biennale



PEDRO CABRITA REIS, PH. © JUAN RODRÍGUEZ

Pedro Cabrita Reis ocupa o seu lugar na 61ª Bienal de Veneza em 2026 com *XIV Steps*, uma obra que se afirma como uma declaração. Esta participação na Bienal, a sexta vez na trajetória do artista, surge como a continuidade de um diálogo de longa data com Veneza.

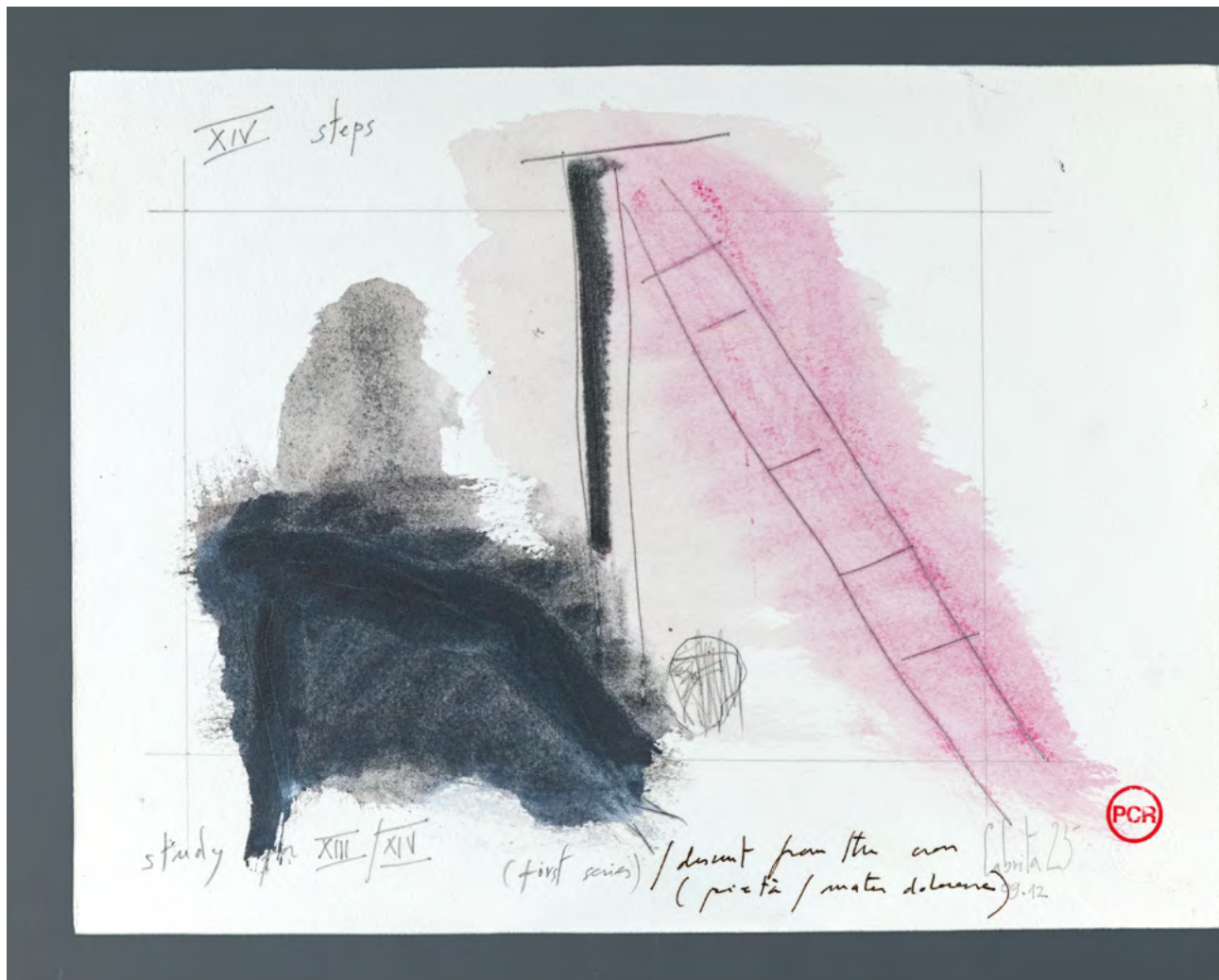
Com *XIV Steps*, Pedro Cabrita Reis revisita uma das narrativas mais marcantes da história da arte e da cultura ocidental – as estações da Via Sacra –, afirmando que a história da arte não é um arquivo distante, mas um contínuo vivo, que os artistas retomam em permanente transformação.

“A história da arte é contada pelos artistas”, diz-nos Cabrita Reis para quem as suas *XIV Steps*, mais do que uma reflexão de índole teológica ou religiosa, nos propõem-nos um olhar sobre a História da Pintura Ocidental e Europeia enquanto criadora de uma linguagem visual e cultural que há séculos vem moldando imagens, significados e valores.

Pedro Cabrita Reis takes his place at the 61st Venice Biennale in 2026 with *XIV Steps*, a work that feels like a declaration. This participation in the Biennale, the artist's sixth, marks the continuation of a long-standing dialogue with Venice.

With *XIV Steps*, Pedro Cabrita Reis revisits one of the most striking narratives in the history of Western art and culture – the Stations of the Cross – asserting that art history is not a distant archive, but a living continuum that artists continually reinterpret and transform.

“Art history is told by artists,” says Cabrita Reis, for whom his *XIV Steps*, rather than being a theological or religious reflection, offers us, through this work, a perspective on the history of Western and European painting as the creator of a visual and cultural language that has been shaping images, meanings and values for centuries.



ESTUDO PARA XIII_XIV (1ª SÉRIE) JESUS DE CRUCE DEPONITUR, PH. © JOÃO FERRAND

Para Pedro Cabrita Reis, esta sua recente série, *XIV Steps*, são “pinturas que transportam também o eco dos murmúrios inevitáveis de uma história antiga, mas, ao mesmo tempo, nelas escutamos um grito contemporâneo de recusa contra a perpetuação da violência, da opressão e da aniquilação da esperança”.

O que move o artista não é tanto um legado religioso, mas a forma como esta sustenta a tradição grega-judaico-cristã que moldou grande parte da cultura ocidental ao longo de gerações.

Pedro Cabrita Reis é peremptório: “Sempre fui pintor”. Em Veneza, esta afirmação ganha uma ressonância particular. As pinturas apresentam-se numa escala monumental – expansivas, imponentes, quase arquitetónicas –, desdobrando-se no espaço numa sequência de catorze dípticos (200 x 300 cm), como uma afirmação clara de intenção.

O artista não observa a história da arte à distância, é parte dela. Apresentada no Magazzino del Sale 3 – um espaço expositivo oficial da Academia de Belas Artes de Veneza, instituição fundada em 1750, uma das mais antigas da Europa –, a série, *XIV Steps* assinala a reafirmação da prática da pintura, uma disciplina que Cabrita Reis sempre manteve ao longo da sua trajetória.

For Pedro Cabrita Reis, his recent series, *XIV Steps*, consists of “paintings that also carry the echo of the inevitable murmurs of an ancient history, yet at the same time, in them we hear a contemporary cry of defiance against the perpetuation of violence, oppression and the annihilation of hope”.

What drives the artist is not so much a religious legacy, but the way in which it underpins the Greco-Judeo-Christian tradition that has shaped much of Western culture over generations.

Pedro Cabrita Reis makes it very clear: “I have always been a painter”. In Venice, this statement takes on a particular resonance. The paintings are presented on a monumental scale – expansive, imposing, almost architectural – unfolding across the space in a sequence of fourteen diptychs (200 x 300 cm), as a clear statement of intent.

The artist does not observe art history from a distance; he steps into it. Presented at the Magazzino del Sale 3 – an official exhibition space of the Academy of Fine Arts in Venice, an institution founded in 1750 and one of the oldest in Europe – the series *XIV Steps* marks a reaffirmation of the practice of painting, a discipline that Cabrita Reis has consistently maintained throughout her career.



XII_XIV JESUS IN CRUCE MORITUR, PH. © JOÃO FERRAND

Durante décadas, Cabrita Reis desenvolveu instalações de grande escala – estruturas em aço, vidro, madeira e luz fluorescente que ocupam o espaço com uma presença construtiva. As suas obras evocam frequentemente fragmentos de edifícios, suspensos entre construção e colapso, onde os materiais transportam memória e o espectador é convocado para uma experiência física do espaço. Aqui, o gesto é mais contido, mas não menos intenso. A escala permanece, a presença mantém-se, mas a linguagem transforma-se. O que antes era arquitectónico torna-se sequencial e conceptual. As pinturas desdobram-se, revelando camadas de significado à medida que o visitante as percorre, numa espécie de procissão pelas estações.

A relação de Cabrita Reis com Veneza remonta a 1995, tendo aí voltado em 1997 e em 2003 representou Portugal na Bienal com *Longer Journeys*, nos Antichi Granai, na Giudecca, apresentando simultaneamente *Absent Names* nos Giardini (Jardins do recinto da Bienal de Veneza). *Longer Journeys*, consistia numa estrutura percorrível de perfis de alumínio, portas de contraplacado e luzes fluorescentes, formando uma arquitectura fragmentada de limiares e passagens que convidava o visitante a atravessar um espaço suspenso entre construção e incompletude. Regressou em 2013 com *A Remote Whisper* e, em 2022, com *Field*, na Chiesa di San Fantin. Em *Field*, uma

For decades, Cabrita Reis has produced large-scale installations – structures of steel, glass, wood, and fluorescent light that occupy space with a structural presence. His works often resemble fragments of buildings, suspended between construction and collapse, where materials carry memory, and where the viewer is drawn into a physical experience of space. Here, the gesture is more contained, but no less charged. The scale remains, the presence remains, but the language changes. What was once architectural becomes sequential and conceptual. The paintings unfold, revealing layers of meaning as the viewer moves through them in a kind of procession around the stations.

Cabrita Reis's connection with Venice dates back to 1995; he returned there in 1997 and in 2003 represented Portugal at the Biennale with *Longer Journeys*, at the Antichi Granai on Giudecca, while simultaneously presenting *Absent Names* at the Giardini (the gardens of the Venice Biennale site). *Longer Journeys* consisted of a walkable structure made of aluminium frames, plywood doors and fluorescent lights, forming a fragmented architecture of thresholds and passages inviting viewers to move through a space suspended between construction and incompleteness. He returned in 2013 with *A Remote Whisper* and, in 2022, with *Field*, at the Chiesa di San Fantin. In *Field*, a low grid of steel platforms spread across the



XIII_XIV JESUS DE CRUCE DEPONITUR, PH. © JOÃO FERRAND

grelha baixa de plataformas de aço ocupava a nave, evocando as passagens temporárias da *acqua alta* na cidade. A luz impunha ordem; os detritos introduziam ruptura. O resultado era um espaço suspenso entre estrutura e colapso – uma meditação sobre memória, violência e a condição frágil do ser humano. Essa tensão – entre ordem e desordem, presença e ausência – tem sido central no seu trabalho.

Neste contexto, a sua obra inscreve-se num diálogo com uma linhagem artística mais ampla. De Barnett Newman a Georges Rouault, de Bruce Nauman a Bill Viola, vários artistas regressaram à estrutura da *Via Crucis* como parte de uma longa conversa artística, não apenas para recontar a sua história, mas para repensar o seu significado. Cabrita Reis integra essa linhagem com um gesto ambicioso e significativo. Se a história da arte é, de facto, escrita pelos artistas, então *XIV Steps* lê-se como um acto deliberado de inscrição. Cabrita Reis não participa apenas numa tradição – posiciona-se nela com intenção. Não a revisita: entra nela. Não por imitação, nem como homenagem, mas como um acto de continuidade. Ao tomar uma narrativa contada ao longo de séculos e permitir que ela volte a falar, com outra voz e noutro tempo, o artista recorda-nos, de forma contundente, de onde vimos – e convida-nos a reflectir sobre para onde vamos. ^A

nave, recalling the temporary walkways of *acqua alta* in the city. Light imposed order; debris introduced disruption. The result was a space suspended between structure and collapse – a meditation on memory, violence and the fragile condition of being human. That tension – between order and disorder, presence and absence – has always been central to his work.

Against this backdrop, his work finds itself in dialogue with a broader artistic lineage. Artists from Barnett Newman to Georges Rouault, from Bruce Nauman to Bill Viola, have returned to the structure of the *Via Crucis* as part of a long artistic conversation, not only to retell its story, but to rethink what it means. Cabrita Reis enters this lineage with a gesture that is ambitious and significant. If the history of art is indeed written by artists, then *XIV Steps* reads as a deliberate act of inscription. Cabrita Reis is not simply participating in a tradition – he is placing himself within it with intention – he does not revisit a tradition, he enters it. Not by imitation, nor as a homage, but as an act of continuity. By taking a story that has been told for centuries and allowing it to speak again, in another voice, in another time, the artist is powerfully reminding us where we come from and inviting us to reflect on where we're going. ^A